

## Linguagem oral e aspectos cognitivos em Linguística Aplicada: ensino/aprendizagem de L2/LE através de tarefas

Joara Martin Bergsleithner<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe uma reflexão sobre o desafio de ensinar/aprender uma segunda língua (L2) ou língua estrangeira (LE). Primeiramente, discute o ensino/aprendizagem da linguagem oral em aulas de L2/LE, bem como demonstra a relevância da habilidade oral no ensino de L2/LE. Em segundo lugar, reporta os resultados encontrados em um estudo prévio (Bergsleithner, 2007) e, na seqüência, sugere algumas implicações pedagógicas para o ensino/aprendizagem de uma LE, especificamente a língua inglesa, através de uma abordagem baseada em tarefas.

**Palavras-chave:** Desempenho oral. Aspectos cognitivos. Ensino/aprendizagem de L2/LE

### Introdução

Atualmente, grande parte dos professores de segunda língua (doravante L2) ou língua estrangeira (doravante LE) tem como objetivo pedagógico proporcionar aos aprendizes de L2/LE<sup>2</sup> o desenvolvimento das quatro habilidades lingüísticas – falar, ler, escrever e ouvir. Este desenvolvimento pode acontecer por meio de práticas de uso da linguagem, por exemplo, através da instrução do professor de L2/LE, da elaboração de tarefas e da exposição do aluno à língua alvo.

Por outro lado, a maioria dos aprendizes de uma L2/LE, aqui especificamente a língua inglesa, preocupa-se principalmente com o desenvolvimento de uma das quatro habilidades: a habilidade oral, que envolve práticas de uso da linguagem oral. Para muitos aprendizes, esta habilidade é que vai auxiliá-los a se comunicar oralmente em inglês em diversos contextos do dia-a-dia ou em contextos na escola ou na universidade, tanto no Brasil como no exterior (FORTKAMP, 2000; FORTKAMP & BERGSLEITHNER, 2007).

---

<sup>1</sup> Joara Martin Bergsleithner é, atualmente, professora doutora do Departamento de Letras e Artes (DLA) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

<sup>2</sup> Os termos L2/LE serão usados com o mesmo significado durante o texto todo.

Da mesma forma, a habilidade oral, que envolve práticas de uso da linguagem e de produção oral em L2/LE, também é vista pelos professores de inglês como L2/LE como uma importante habilidade no ensino/aprendizagem e que, na maioria das vezes, parece revelar o nível de desempenho e proficiência do aprendiz na L2/LE (FORTKAMP, 2000; FORTKAMP & BERGSLEITHNER, 2007). Mostra, ainda, como ele consegue interagir com outros através da prática da linguagem oral (BERGSLEITHNER, 2002, 2006).

A habilidade oral é considerada como uma das habilidades lingüísticas mais difíceis de ser tratada em sala de aula, pois envolve desempenho na produção oral no processo de ensino/aprendizagem de L2/LE, principalmente quando se trabalha com grupos grandes e/ou muito heterogêneos. Além disso, esta habilidade parece ser difícil de ser tratada com aprendizes que apresentam muitas diferenças individuais cognitivas, pois estas podem refletir no seu aprendizado da língua alvo (BERGSLEITHNER & MOTA, 2005; FORTKAMP, 2000; FORTKAMP & BERGSLEITHNER, 2007). Portanto, baseado nas concepções acima, o presente estudo procura brevemente discutir questões relacionadas ao desempenho oral de aprendizes de inglês como L2/LE e sobre alguns aspectos cognitivos dos aprendizes que podem interferir no aprendizado dos indivíduos (BERGSLEITHNER, 2007).

Ainda neste estudo, são também discutidas algumas questões de ordem pedagógica, referentes (a) ao ensino/aprendizagem da língua inglesa, (b) a sua aplicabilidade às práticas de uso da linguagem oral e (c) à implementação de tarefas em sala de aula de L2/LE, com o intuito de levar o aprendiz a produzir a língua alvo, além de praticá-la. Por fim, a discussão que aqui se debate questiona o desafio do uso das práticas pedagógicas no uso da linguagem oral em aulas de L2/LE, que educadores e pesquisadores encontram (e procuram/tentam enfrentar) durante o processo de ensino/aprendizagem de L2/LE, no âmbito da Lingüística Aplicada.

## **1. Fundamentação teórica**

Apesar da importância que se atribui à produção oral em aulas de L2/LE, pouco se sabe por que aprendizes de uma L2/LE, no mesmo nível, na mesma sala de aula, com o mesmo tipo de instrução adotada e ensinados pelo mesmo professor e com a mesma abordagem de ensino, aprendem de formas e ritmos abruptamente diferentes (BERGSLEITHNER & MOTA, 2005; FORTKAMP & BERGSLEITHNER, 2007).

Alguns pesquisadores (BERGSLEITHNER, 2007, 2008; ROBINSON, 2001a, 2001b, 2002a, 2002b; SKEHAN, 1989, 1996, 1998) têm mostrado consistentemente que indivíduos

diferem uns dos outros e que essas diferenças individuais refletem no seu desempenho de tarefas cognitivas complexas, tais como falar, ler, escrever e ouvir. Essas diferenças individuais, que refletem no desempenho dos indivíduos, podem estar relacionadas a aspectos cognitivos que podem afetar tanto o processo de aprendizagem de língua materna quanto o de L2/LE (DANEMAN & GREEN, 1986; FORTKAMP, 1999; 2000; MIYAKE & FRIEDMAN, 1998; SKEHAN, 1998).

Em um de seus últimos estudos, Bergsleithner (2007) investigou se existia uma relação entre o desempenho oral de 30 adultos brasileiros, aprendizes de inglês como L2/LE, e dois aspectos cognitivos: (1) o registro cognitivo da atenção (baseado na *Noticing Hypothesis*, proposta por Schmidt, 1990), dispensada a aspectos lingüísticos da L2/LE (BERGSLEITHNER, 2007) e (2) a capacidade de memória de trabalho dos indivíduos (BADDELEY, 1986).

O experimento de Bergsleithner (2007) verificou: (a) o desempenho oral dos aprendizes em três tarefas orais (um pré-teste antes do tratamento e dois pró-testes após o tratamento), através de gravações individuais realizadas em um laboratório de línguas; (b) a capacidade de memória de trabalho dos indivíduos, através do *Speaking Span Test* (Cf. FORTKAMP, 1999, 2000); e o (c) o registro cognitivo dos aspectos formais da estrutura gramatical adotada para este estudo (*Questões Indiretas*), através de um protocolo oral (Cf. ROBINSON, 1995) aplicado aos participantes do estudo.

Os resultados do estudo de Bergsleithner (2007) apontaram uma relação estatisticamente significativa entre as três variáveis mencionadas acima (oralidade, registro da atenção e capacidade de memória de trabalho), mostrando que os indivíduos que demonstraram melhor desempenho nas tarefas orais da L2/LE foram os que registraram melhor os aspectos lingüísticos formais da L2/LE, provavelmente por apresentarem uma capacidade de memória de trabalho maior e, conseqüentemente, mais eficaz no que diz respeito ao armazenamento e processamento de novas informações recebidas no *input* (insumo lingüístico) dos aspectos lingüísticos instruídos pelo professor.

Por outro lado, os resultados mostraram que os indivíduos que tiveram um desempenho oral menos eficiente, ao produzir as tarefas orais requeridas no estudo, foram os aprendizes que menos registraram os aspectos lingüísticos formais da L2/LE, por apresentarem uma capacidade de memória de trabalho menor e, portanto, menos eficaz para armazenar e processar informações de aspectos lingüísticos gramaticais novos. Sendo assim, eles demonstraram ter mais dificuldade em administrar a linguagem oral de forma gramaticalmente mais precisa e eficaz durante as tarefas orais do estudo.

No presente estudo, as questões propostas por esta pesquisadora estão relacionadas à linguagem oral e ao desempenho oral bem como aos aspectos cognitivos (atenção e capacidade de memória de trabalho) em L2/LE, considerando estas variáveis mencionadas como parte de um desafio no ensino/aprendizagem de L2/LE, no campo da Linguística Aplicada. Por essa razão, esta pesquisadora procura estabelecer uma ligação entre os seus resultados previamente obtidos (BERGSLEITHNER, 2007) com possíveis implicações e intervenções pedagógicas aplicadas na prática do uso da linguagem oral em sala de aula de L2/LE.

Segundo Bergsleithner (2007), os aspectos ou construtos cognitivos dos indivíduos, tais como o registro cognitivo<sup>3</sup> da atenção e a capacidade de memória de trabalho dos aprendizes, podem influenciar no seu desempenho e na produção oral da língua alvo que se está aprendendo. Mesmo que os resultados deste estudo mostrem que existe uma relação entre as variáveis cognitivas acima citadas, esta pode estar estreitamente ligada ao desempenho oral na L2/LE. Assim, é importante entender a razão pela qual esta relação se estabelece. Os indivíduos demonstram o seu desempenho oral na língua de acordo com a sua capacidade cognitiva relacionada aos seus recursos atencionais dispensados ao *input* e à sua capacidade de memória de trabalho (BERGSLEITHNER, 2007; BERGSLEITHNER & MOTA, 2005; FORTKAMP & BERGSLEITHNER, 2007).

Entretanto, para surpresa desta pesquisadora (BERGSLEITHNER, 2007), os indivíduos/aprendizes que apresentaram uma capacidade de memória menor e, portanto, menos eficaz no que se refere ao armazenamento e processamento de informações, demonstraram ter um desempenho gradativamente melhor nas tarefas orais exigidas no estudo, após a instrução do professor, o que a levou (BERGSLEITHNER, 2007) a concluir que eles se beneficiaram da instrução e da repetição das tarefas orais que conduziram a pesquisa (BYGATE, 2001; ELLIS, 2000, 2003).

Levando em consideração que aprendizes de uma L2/LE apresentam diferenças individuais cognitivas entre si (BERGSLEITHNER, 2007; BERGSLEITHNER & MOTA, 2005; BERGSLEITHNER & FORTKAMP, 2007; BERGSLEITHNER & WEISSHEIMER, 2009; FORTKAMP, 1999, 2000; FORTKAMP & BERGSLEITHNER, 2007; ROBINSON, 2001a, 2001b, 2002a, 2002b; WEISSHEIMER, 2007; WEISSHEIMER & FORTKAMP, 2004), este estudo propõe uma reflexão a pesquisadores, educadores e profissionais da área de ensino/aprendizagem, da Linguística Aplicada, com relação ao uso da linguagem oral e do seu

---

<sup>3</sup> O termo teórico *registro cognitivo* é a tradução do termo teórico *noticing*, traduzido por Bergsleithner (2007).

uso na prática de situações interacionais orais em sala de aula (BERGSLEITHNER, 2002, 2006).

A fim de se estabelecer uma relação entre o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras e a prática da linguagem oral, sugere-se a implementação da prática pedagógica através da elaboração de tarefas orais a fim de aplicar estas tarefas na sala de aula de L2/LE. Propõe-se trabalhar, ainda, com material autêntico, de acordo com a realidade, interesse e limitações dos alunos de L2/LE e sugere-se levar em consideração as diferenças cognitivas individuais dos aprendizes, que, por muitas vezes, acabam interferindo no processo de ensino/aprendizagem dos aprendizes de inglês como L2/LE (BERGSLEITHNER, 2007, 2008; BERGSLEITHNER et al., 2007; SKEHAN, 1998).

Portanto, Bergsleithner (2007) sugere, como implicação pedagógica, que educadores e profissionais da área de Ensino/Aprendizagem da Linguística Aplicada (pesquisadores, professores em *pré-serviço* e professores *em serviço*) elaborem tarefas orais que possam ajudar os seus aprendizes de L2/LE a terem um melhor desempenho na linguagem oral, levando em consideração os quatro aspectos relevantes na produção oral: (1) a fluência da fala, (2) a precisão (correção) gramatical ou a acurácia, (3) a complexidade da fala (complexidade das orações, através do uso de conectores e orações subordinadas) e (4) a densidade lexical (o uso denso e apropriado de vocabulário) (FORTKAMP, 2000), embora sempre em situações contextualizadas. O processo de aprendizagem de L2/LE está intimamente ligado, neste caso, aos aspectos da produção e ao uso da linguagem oral na prática diária, através de uma prática pedagógica baseada em tarefas (ELLIS, 2000, 2003; SKEHAN, 1998).

As tarefas, conforme sugeridas por Leaver e Willis (2004), podem vir em uma classificação de diferentes tipos baseadas em seis processos cognitivos, a fim de serem trabalhadas em aulas de línguas estrangeiras:

- (a) listar: itens, ações, pessoas, coisas, objetos, animais, requerimentos, razões, etc.);
- (b) ordenar: elementos de seqüência, classificação, ordem de prioridade, decisão, etc.;
- (c) comparar e contrastar: semelhanças e diferenças em textos, gravuras, diagramas, etc.; (d) solucionar problemas: problemas lógicos, quebra-cabeças, respostas a cartas simples e complexas, estudos de caso; expressão de hipóteses, descrição de experiências, avaliação, concordância ou discordância sobre um fato, etc.;
- (e) trocar experiências pessoais: discurso, histórias pessoais (engraçadas e desagradáveis), conversações sérias, sociais e casuais; e, por último,
- (f) criar projetos e tarefas: escrita, entrevista, reportagem, produção de catálogo/vídeo, etc.

Além disso, estudos que focam no ensino de L2/LE, através da repetição de tarefas, têm mostrado resultados significativos no processo de aprendizagem de L2/LE, sugerindo assim, uma nova proposta pedagógica para aulas de L2/LE, nas quais os aprendizes têm a oportunidade de produzir a linguagem oral, ao invés de apenas praticá-la (BERGSLEITHNER, GALINDO, KIM E KWONG, 2007; BYGATE, NORRIS, VAN DEN BRANDEN, 2003; ELLIS, 2000, 2003; FOSTER & SKEHAN, 1996; LEAVER & WILLIS, 2004; SKEHAN, 1996; SKEHAN & FOSTER, 2001).

Portanto, a repetição de tarefas também (ROBINSON, 2001a, 2001b) pode ser considerada importante no processo de ensino/aprendizagem da linguagem oral na língua alvo, uma vez que ela pode beneficiar mesmo aqueles (e principalmente aqueles) aprendizes que têm mais dificuldades de aprendizagem, devido aos dois construtos cognitivos propostos por Bergsleithner (2007), como por exemplo, pelo fato de a sua capacidade de memória ser menos eficaz no armazenamento e processamento de informações novas e, conseqüentemente, pelo fato de o processo cognitivo da atenção dispensar menos atenção ao *input* dos aspectos lingüísticos instruídos pelo professor. Portanto, é através da repetição da mesma tarefa que os aprendizes podem ser beneficiados, uma vez que, conhecendo a tarefa, eles podem dispensar recursos cognitivos atencionais a outros aspectos da língua, bem como a aspectos formais e de uso da língua (BYGATE, 2001; ROBINSON, 2001b).

Outra questão de importância crucial como sugestão de implicação pedagógica deste estudo, sugerida por Bergsleithner (2007), é a instrução do professor de línguas estrangeiras, em momentos de insumo de aspectos lingüísticos formais novos pelos aprendizes da língua alvo, em sala de aula de qualquer L2/LE (ELLIS, 2000, 2003). Alguns pesquisadores (BERGSLEITHNER, 2002, 2006, 2007; ELLIS, 2000, 2003) consideram a instrução de aspectos lingüísticos de uma L2/LE de fundamental importância no processo de ensino/aprendizagem e sugerem a instrução do professor nas aulas de L2/LE para qualquer tipo de insumo, tais como: formal, lexical, fonológico, pragmático, dentre outros.

Muitos estudos (veja a meta-análise de NORRIS & ORTEGA, 2000), na área de Lingüística Aplicada, têm mostrado que a instrução do professor (de aspectos formais, lexicais, fonológicos, etc.) podem beneficiar o aprendizado e até mesmo acelerá-lo, uma vez que a instrução quer seja implícita ou explícita pode trazer benefícios ao aprendiz durante o seu processo de ensino/aprendizagem da língua alvo (BERGSLEITHNER, 2006).

A instrução da tarefa em aulas de L2/LE também deve ser muito clara e precisa, para que o aluno/aprendiz de inglês como L2/LE consiga, ao lê-la, colocar na prática o que se está pedindo na tarefa. Tanto a instrução do professor, quanto a instrução da tarefa devem

simultaneamente promover o uso da linguagem oral na sala de aula (SKEHAN, 1996; SKEHAN & FOSTER, 2001).

Além disso, Skehan (1998) e Skehan e Foster (2001) também sugerem a educadores que trabalhem com o planejamento de tarefas, antes de o aprendiz desempenhar a tarefa *per se*. Segundo ele, através do planejamento prévio, o aprendiz pode organizar o seu pensamento, as suas idéias e a sua fala, favorecendo assim aspectos da oralidade como a acurácia, a fluência e a complexidade na produção oral de uma L2/LE.

Por fim, o grande desafio que pesquisadores e profissionais da área de L2/LE encontram quando se deparam com o ensino/aprendizagem da linguagem oral em L2/LE é o de lidar com indivíduos, que apresentam diferenças individuais e que aprendem de formas específicas e diferenciadas, com suas particularidades, facilidades, dificuldades, limitações, estilos e estratégias de aprendizado.

Cabe, então, ao profissional da área de língua inglesa, conhecer e compreender melhor a realidade de seus alunos (fazendo uma *needs analysis*<sup>4</sup>) bem como a capacidade cognitiva de seus aprendizes, sabendo, então, dosar o ensino e escolher tarefas adequadas para cada grupo e cada indivíduo, considerando suas diferenças individuais. Este é o verdadeiro desafio que pesquisadores e educadores de L2/LE precisam enfrentar durante as práticas de uso da linguagem oral durante o processo de ensino de uma L2/LE, no âmbito de Lingüística Aplicada.

**Abstract:** *This article proposes some reflection on the challenge of teaching/learning a second language (L2) or foreign language (FL). First, it discusses the teaching/learning of the oral language in L2/FL classes as well as reports the results found in a previous study by Bergsleithner (2007). In addition, it suggests some pedagogical implications for the teaching/learning of a FL, specifically the English language, based on the implementation of a task-based approach.*

**Keywords:** *Oral performance. Cognitive aspects. Second/foreign language teaching/learning.*

### **Referências Bibliográficas**

BADDELEY, A. D. *Working memory*. Oxford: Clarendon Press, 1986.

BERGSLEITHNER, J. M. *Grammar and interaction in the EFL classroom: A Sociocultural Study*. Unpublished MA dissertation. Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

---

<sup>4</sup> O termo *needs analysis* significa fazer um levantamento de informações e/ou conhecimento sobre a realidade dos alunos bem como sobre seu conhecimento prévio e domínio de língua (Bygate et al., 2003)

BERGSLEITHNER, J. M. Does Grammar Teaching and Feedback Promote EFL Learning? *Korea TESOL Journal Quarterly* - Issue 1, v. 9, Seoul: International Graduate School of English, p. 65-87, 2006.

BERGSLEITHNER, J. M. *Working memory capacity, noticing, and L2 speech production*. Unpublished doctoral dissertation. Florianópolis, 2007. Universidade Federal de Santa Catarina.

BERGSLEITHNER, J. M. Cognitive Aspects Of Task-Based Syllabus Designs. *Revista Língua & Literatura*. Frederico Westphalen: URI, v. 10, p. 15, p. 9-18, 2008.

BERGSLEITHNER, J. M.; GALINDO, M.; KIM, Y.; & KWONG, D. Book review: Betty Lou Leaver and Jane R. Willis, editors, 2004: *Task-based instruction in foreign language education: Practices and programs*. Washington, DC: Georgetown University Press. University of Hawaii at Manoa, USA, p. 378-382, 2007.

BERGSLEITHNER, J. M. & MOTA, M. B. Insumo, produção e recursos atencionais: um estudo preliminar. *Anais da Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, São Paulo, SP, 2005.

BERGSLEITHNER, J. M. & WEISSHEIMER, J. The relationship between working memory capacity and L2 development. *Anais da ABRAPUI*, SP, 2009.

BYGATE, M. Effects of task repetition on the structure and control of oral language. In; BYGATE, M.; SKEHAN, P. & SWAIN, M. (Eds), *Researching pedagogic tasks: second language learning, teaching, and testing*. Longman, 2001.

BYGATE, M., NORRIS, J.M.; KRIS VAN DEN BRANDEN, K.V. *Task-Based Language Teaching: Issues, Research and Practice*. John Benjamins, 2003.

DANEMAN, M.; GREEN, I. Individual differences in comprehending and producing words in context. *Journal of Memory and Language*, n. 25, p. 1-18, 1986.

ELLIS, R. *Task-based language learning and teaching*. Oxford: Oxford University Press, UK, 2003.

ELLIS, R. Task-based research and language pedagogy. *Language Teaching Research*, USA, 4, p. 193-220, 2000.

FORTKAMP, M. B. M. Working memory capacity and aspects of L2 speech production. *Communication and Cognition*, n. 32, p. 259-296, 1999.

FORTKAMP, M. B. M. *Working memory capacity and L2 speech production: an Exploratory study*. Tese de doutorado. Florianópolis, 2000. Pós-Graduação em Inglês e Literatura Correspondente da Universidade Federal de Santa Catarina.

FORTKAMP, M. B. M.; BERGSLEITHNER, J. M. The relationship among individual differences in working memory capacity, noticing, and L2 speech production. *Revista Signo*, 2007.



FOSTER, P.; SKEHAN, P. The influence of planning and task type on second language performance. *Studies in Second Language Acquisition*, n. 18, p. 299-323, 1996.

LEAVER, B. L.; WILLIS, R. *Task-based instruction in foreign language education: practices and programs*. Washington, DC: Georgetown University Press. University of Hawaii at Manoa, USA, 2004.

MIYAKE, A.; FRIEDMAN, N. P. Individual differences in second language proficiency: working memory as language aptitude. In: HEALY, A. F. & BOURNE Jr., L.E. (Eds), *Foreign Language Learning: Psycholinguistic Studies on Training and Retention*, p. 339-364. Mahawah, N. J: Lawrence Erlbaum, 1998.

NORRIS, J.; ORTEGA, L. Effectiveness of L2 instruction: A research– synthesis and quantitative meta-analysis. *Language Learning*, n. 50, p. 417-528, 2000.B

ROBINSON, P. *Cognition and second language instruction*. Cambridge University Press, 2001a.

ROBINSON, P. Task complexity, cognitive resources, and syllabus design: A triadic framework for examining task influences on SLA. In: ROBINSON, P. (Ed.), *Cognition and second language instruction*. New York: Cambridge University Press, p. 287-318, 2001b.

ROBINSON, P. Effects of individual differences in intelligence, aptitude and working memory on adult incidental SLA: A replication and extension of Reber et al. (1991). In: ROBINSON, P. (Ed.). *Individual differences and instructed language learning*. Philadelphia, PA: John Benjamins Publishing Company, p. 211-266, 2002a.

ROBINSON, P. *Individual differences and instructed language learning*. Philadelphia, PA: John Benjamins Publishing Company, 2002b.

SCHMIDT, R. The role of consciousness in second language learning. *Applied Linguistics*, n. 11, p. 129-158, 1990.

SKEHAN, P. A. *Individual differences in second-language learning*. London: Edward Arnold, 1989.

SKEHAN, P. A. Framework for the implementation of task-based instruction. *Applied Linguistics*, n. 17. Oxford University Press, 1996.

SKEHAN, P. A. *A cognitive approach to language learning*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

SKEHAN, P. & FOSTER, P. Cognition and tasks. In: ROBINSON, P. (Ed.), *Cognition and second language instruction*. New York: Cambridge University Press, p. 183-205, 2001.

WEISSHEIMER, J.; FORTKAMP, M. B. M. *The effects of practice and strategy use on L2 working memory capacity and fluency*. Florianópolis, 2004. Unpublished research paper. Universidade Federal de Santa Catarina.

WEISSHEIMER, J. *Working memory capacity and the development of L2 speech production: an exploratory study*. Florianópolis, 2007. Unpublished Doctoral Dissertation, Universidade Federal de Santa Catarina.